

Construções Identitárias do Leitor Profissional: o que é ser revisor de texto?¹

Patrícia Rodrigues Tanuri BAPTISTA²

Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Belo Horizonte, M.G.

Resumo

Este trabalho pretende discutir como o profissional revisor de textos realiza construções identitárias de si mesmo no processamento da intervenção textual, revelando um conjunto de significados sobre o que é ser esse 'leitor profissional'. O corpus constitui-se de dados coletados na pesquisa de Salgado (2011). A presente análise desenvolve-se no campo de estudos da Análise do Discurso a partir de uma visão construcionista de que o estudo das práticas discursivas representa uma forma singular de compreender a produção de sentidos na vida social (SPINK; FREZZA, 1998 [2004]). O papel assumido pelo revisor revela a construção identitária de um leitor profissional cujas intervenções não se restringem a limites gramaticais e se expandem para fronteiras de como se dá a construção de elos adequados de sentido, propondo manobras de construção do significado a partir de uma nova tessitura.

Palavras-chave: revisão e preparação de textos; identidade; interação.

1 Introdução

Neste trabalho, interessa-nos entender como o profissional revisor de textos constrói-se identitariamente a partir das manobras textuais que promove no processamento da intervenção textual, revelando um conjunto de significados sobre o que é ser esse 'leitor profissional'. Os dados consistem no corpus coletado na pesquisa de Salgado (2011). Esta investigação desenvolve-se no campo de estudos da Análise do Discurso, ao compreender que o estudo das atividades discursivas é um meio privilegiado para entender a produção de sentidos na vida social (SPINK; FREZZA, 1998 [2004]). Nesse sentido, indaga-se: como é construída, interacionalmente, a identidade desse leitor profissional que intervém no texto do outro sem dele se apropriar? (cf. Salgado, 2010).

2 Referencial Teórico

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. ptanuri@hotmail.com

Nesta pesquisa, são importantes para a nossa análise as noções teóricas de Identidade social e de Revisão de texto.

2.1 Identidade

A identidade social é uma noção teórica de grande relevância para nossa análise. Segundo Hall (2000), o conceito de identidade é demasiadamente complexo e muito pouco compreendido na ciência social contemporânea. Tal complexidade se deve ao fato de que categorias sociais, tais como, classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade que, no passado, consistiam em formas tradicionais de se localizar o indivíduo na sociedade, hoje, na modernidade tardia, estão se tornando fragmentadas. Assim, o sujeito, segundo Hall (2000), está se tornando fragmentado e possui não uma única, mas várias identidades que podem, algumas vezes, ser contraditórias ou não-resolvidas. O sujeito pós-moderno não tem, dessa forma, uma identidade fixa, essencial ou permanente. Como afirma o autor: “a identidade torna-se uma “celebração móvel”, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2000, p.13).

Neste trabalho, estaremos compreendendo e definindo identidade, apoiando-nos em Ochs (1993), como um termo amplo, um construto social que abrange personas sociais, incluindo *status*, papéis, posições, relacionamentos e outras identidades relevantes que uma pessoa pode tentar reivindicar para si ou atribuir a outras no curso da vida social. Em outras palavras, segundo Ochs (1993), trata-se de um processo dinâmico de demonstrar e interpretar posições sociais, afiliações, papéis, etc., já que, como enfatiza a pesquisadora: (i) as identidades sociais são construídas e socializadas nas interações, (ii) são tanto inferidas, quanto interacionalmente alcançadas através da demonstração e ratificação de atos e posições e, sobretudo, (iii) em todas as situações, até nas mais institucionalizadas e ritualizadas, as pessoas são agentes na produção do seu próprio *self* e na produção do *self* do outro.

Dessa forma, estamos também assumindo, conforme Schiffrin (1993), que as identidades se constroem e se reconstroem dinamicamente, local e colaborativamente no curso das interações sociais e, conforme Ivanic (1998), que aquilo que as pessoas fazem carrega uma mensagem sobre sua identidade, sendo o discurso um importante tipo de ação que constrói identidade.

Considerando que “a identidade também é compreendida como um ato performativo, isto é, como o que fazemos ao expor o que somos a cada momento da interação”, Oliveira & Bastos (2001, p. 162) afirmam que refletir sobre nossa identidade é o mesmo que refletir “sobre quem somos ou sentimos que somos na vida em sociedade”.

2.2 Revisão de texto

A atividade de “mexer no texto do outro” ou de intervenção nos textos pode ser entendida como “o conjunto de operações que ocorrem sucessivamente sobre um primeiro texto, com o objetivo de aperfeiçoar seu modo de ir a público” (MUNIZ JÚNIOR, 2010, p. 17).

Assim, o revisor, segundo Muniz Júnior (2011), é um dos profissionais que exercem uma das atividades de intervenção no texto, com o objetivo de eliminar problemas textuais, padrões editoriais e gramaticais, por exemplo, e visuais, como lapsos na diagramação. Assim, pode-se entender, conforme o autor, que “a finalidade de intervenções como a do revisor, é, à guisa de definição, preparar os textos para circular socialmente” (MUNIZ JÚNIOR, 2011, p. 275).

Entretanto, segundo o autor, é importante que se esclareça que são várias as denominações que a atividade de intervenção nos textos assume de acordo com o contexto: revisão, edição, preparação, copidesque, refração etc. Assim, corrigir, retificar, editar, aprimorar são alguns dos muitos verbos frequentemente usados para designar o esforço de tornar melhor um texto previamente criado.

Destaca-se que o que se chama de revisão em uma empresa, em outra, chama-se de edição, copidesque, checagem etc. Em outras palavras, não é consensual quais são as características que definem as fases de edição, preparação, revisão etc. (MUNIZ JÚNIOR, 2010).

Ribeiro (2007) relata que, em uma amostra de estudantes de Letras e de um curso de especialização em Revisão de Textos, poucos demonstraram conhecer as atividades do editor e do revisor de texto. Além disso, houve imprecisões no que se refere às especificidades da produção de livros em relação à produção de revistas e jornais.

Ressalta-se que há editoras que possuem seus próprios manuais de edição, preparação, revisão etc. e, quando não os têm, adotam manuais produzidos por outras empresas. Esses documentos, de caráter prescritivo, somam-se aos dicionários, gramáticas, que circulam de modo mais generalizado, e às regras tácitas de trabalho, que circulam de modo mais localizado, muitas vezes, apenas dentro da própria empresa.

De um modo geral, segundo esses manuais, cuidado e bom senso são atribuições fundamentais ao profissional que intervém no texto do outro. Afinal, ele se move sempre no limite entre intervir demais ou de menos. Assim, é preciso ter cautela. Segundo Pinto (1993, p. 5), “é fundamental o discernimento dos profissionais da editora em não ir de encontro à liberdade de criação”. Nessa linha, pode-se entender a fórmula básica de atuação do revisor: “Atenção cirúrgica, paciência bíblica, humildade franciscana e nunca, em tempo algum, corrigir por capricho – apenas por necessidade” (MARTINS FILHO & ROLLEMBERG, 2001).

Por Outro lado, Yamazaki (2007, p. 2) critica o estereótipo do profissional de intervenção no texto como guardião da língua e defende a necessidade de pensar a formação e atuação desse profissional para além do prescritivismo gramatical.

Segundo Muniz Júnior (2010), Yamazaki também esclarece que a supressão dos erros também faz parte da atividade de edição, mas na medida em que o erro pode prejudicar a legibilidade textual ou visual. Acreditamos que essa ideia seja fundamental para propor uma concepção de edição sem preconceitos, pois muda o foco que deixa de ser a obsessão pelo erro para se assumir como obsessão pela legibilidade.

De tudo que se expôs, torna-se relevante esclarecer que, como ressalta Gomes (1988), há muito o que se considerar por trás do trabalho do profissional do texto, trata-se de um árduo e penoso processo de trabalho que, na verdade, fica escamoteado pela realidade do livro pronto e acabado, que não revela todos os esforços de (re)elaboração textual. Segundo Gomes (1988, p. 20),

O livro já pronto, impresso e encadernado é, entretanto, apenas a fachada visível de um longo processo de trabalho que envolve uma multidão de pessoas além do autor e do seu editor. Os bastidores que fazem o dia a dia

das editoras são raramente abordados pela crítica e têm como protagonistas vidas inteiras dedicadas à labuta editorial.

Esse trabalho é ressaltado por Salgado (2010), que vê a revisão de textos como uma leitura profissional que intervém no texto sem dele se apropriar. Segundo ela, na revisão, não se faz um novo texto, embora se possa propor uma nova tessitura. Fica claro que esse leitor profissional não passa a autor do texto, a coautor ou a *ghost writer*, ele sugere a alteração dos elementos de uma cenografia que já estava desenhada. Portanto, não se trata de escrever no lugar do outro ou para o outro, mas sim de inscrever com ele, no texto dele. Segundo Salgado (2010, p. 267), “o enunciador e seu coenunciador editorial trabalham na malha textual, inscrevem até que ela lhes pareça oferecer a futuros leitores boas veredas, evitando que algumas outras se imponham”.

3 Análise e interpretação dos dados

Os dois primeiros excertos consistem, segundo Salgado (2011), em texto destinado a ser publicado num zine, um fanzine eletrônico, podendo ter alguma divulgação impressa. “Trata-se de um tipo de veículo caracterizado como alternativo aos periódicos comerciais, ligado à produção cultural marginal, *do bas fond, underground*” (SALGADO, 2011, p. 225).

(1)

Excerto p. 228

Pensando nisso tudo, é bem esquisito ver que ainda vivemos uma contradição entre um valor moral racionalizado, que nos diz que essa música de rua não é boa, não tem qualidade (êita conceito complicado esse¹), e o ritmo envolvente, as letras que provocam, uma aproximação que não se pode negar...

³*Que marginalidade é essa que legitima e desautoriza ao mesmo tempo? Se a música da periferia pode causar tanta atração e tanta repulsa ao mesmo tempo, é porque ela é, de fato, uma música que está na rua, que se faz na rua, da rua. E o que é que essa rua tem, que vira-e-mexe nos põe em contato com a música?*

Comentários do revisor:

3. Ana, acabei mudando muita coisa nesse parágrafo, porque começou a rolar um problema conceitual do qual imaginei que valia a pena escapar. Tento explicar em dois itens: música de periferia e música de rua não são sinônimos, certo? Porque rua, segundo o raciocínio que vc mesma ensejou, não é sinônimo de periferia, né? É mais abrangente. O slogan de uma propaganda não é a mesma coisa que o funk carioca ou o samba de roda, o pagode de bar...; 2) vc dizia “nós” sentimos repulsa e fascínio pela música “deles” – quem são esses dois pontos? O zine vai pra gente só da sua tribo? Como imaginei que a circulação, mesmo que em poucos exemplares, é livre (ou será na net), achei melhor não cair nessa relação binária em que seu lugar sócio-cultural fica colocado como o lugar sócio-cultural de todos os leitores, que não serão nunca, supostamente, do “outro grupo”, de outros grupos.

Nessa nota 3, já é possível perceber como o revisor assume o papel de um leitor profissional, cuja preocupação e responsabilidade ultrapassam limites gramaticais e se expandem para fronteiras de como se dá a construção de elos adequados de sentido no tecido textual. Assim, o comentário do item 2, especialmente, - *“vc dizia “nós” sentimos repulsa e fascínio pela música “deles” – quem são esses dois pontos? O zine vai pra gente só da sua tribo? Como imaginei que a circulação, mesmo que em poucos exemplares, é livre (ou será na net), achei melhor não cair nessa relação binária em que seu lugar sócio-cultural fica colocado como o lugar sócio-cultural de todos os leitores, que não serão nunca, supostamente, do “outro grupo”, de outros grupos.”* – demonstra que o revisor faz uma projeção do público leitor, tem um olhar para o todo da enunciação, pressupondo todas as condições de produção do discurso, como quem escreve para quem, com que propósito e em que esfera de circulação, sem perder, portanto, as peculiaridades do gênero discursivo que é construído e, sobretudo, buscando propor uma reescritura que evite a construção de um sentido indesejável, que poderia deixar o autor em um situação desagradável e embaraçosa diante de seus leitores.

(2)

Excerto p. 230

Ferrez preserva a ideia inicial do movimento Hip-Hop⁶ ...

Comentários do revisor:

6. Ana, está variando a grafia de hip hop. Padronizei sem itálico, assim como rap, break, funk, porque, sendo um texto para zine, e estando vc a usar outros termos que pedem itálico ou aspas etc. me pareceu poluente, desnecessário. Mas se é hip hop (com minúscula e sem hífen) ou Hip-Hop (com maiúscula e com hífen) ou essas coisas misturadas, *vou deixar pra vc decidir*.

Nessa intervenção, o revisor, ao dizer “*vou deixar para vc decidir*”, reconhece que seu papel é também o de dar diferentes opções de escolha para o autor, deixando-o à vontade para decidir. Esse movimento, aparentemente simples, revela que o revisor constrói-se identitariamente como um profissional que não assume uma posição prescritiva ou impositiva.

Além disso, trata-se de um trabalho de intervenção bastante criterioso em que se revela um procedimento de demonstração de afiliações e pertencimentos. Ao chamar a atenção do autor para a construção de uma possível imagem indesejável, o revisor colabora para a construção da identidade do próprio autor, como aquele se afilia, inclusive discursivamente, a um determinado grupo. Esse movimento de aproximação e não de distanciamento do autor em relação ao seu público leitor denuncia também o processo de construção da identidade desse leitor profissional que demonstra estar atento a todo o processo de construção do sentido global do texto a partir da observância de uma teia de potenciais significações. Salgado (2011) ratifica que

a padronização da grafia hip hop se põe com a relevância de uma decisão formal que é também uma decisão de apontar para uma filiação ou assumir um pertencimento: como os vários grupos que discursivizam o tema ou o movimento costumam grafar esses termos? Trata-se de uma manobra gráfica que marcará um posicionamento, e a proposta do coenunciador é de que se atente para essa condição inescapável (SALGADO, 2011, p. 232).

Os casos tratados em (3) e (4) constituem fragmentos de um memorial acadêmico destinado a concurso em ciências humanas (SALGADO, 2011, p. 238).

(3)

Excerto p. 239

A tarefa de escrever um memorial é sempre difícil. As lembranças *da minha* trajetória me (re)aproximam de pessoas, de situações, de escolhas, de angústias e alegrias que eu pressupunha estar esquecidas. *E, não bastassem as surpresas ao despertá-las, o fio condutor desta pequena narrativa é o presente, daí o risco de interpretar os caminhos trilhados como se tivesse estado plenamente consciente das decisões tomadas. Mas afinal, lembrar é um modo de refazer os percursos, e nossas trajetórias se compõem também de nossa memória*⁸.

Comentários do revisor:

8. Achei que faltava nessa entrada uma amarração das ideias de lembrar, esquecer, trilhar, refazer trilhas via memória... Tudo isso sendo o “difícil” de escrever um memorial. Veja aí se te agradam minhas sugestões.

Nessa intervenção, o revisor colabora para a inteligibilidade do texto, propondo manobras de construção do significado a partir de uma nova tessitura, provocada por acréscimos que esclarecem as relações de sentidos relacionadas ao campo semântico do (re)lembrar. Nesse sentido, o revisor assume o papel de leitor profissional que compactua com o sentido, responsabilizando-se por ele, na medida em que ele é construído no texto e não fora dele e aproxima-se, assim, da dimensão da coautoria, como bem observou Salgado (2011). Essa intervenção também revela que o trabalho do revisor extrapola o nível puramente gramatical e se estende a toda uma construção de nexos adequados de sentido. E todo esse movimento de (re)leitura e (re)escrita traz à tona a legitimação de uma identidade que, conforme Schifffrin (1993), constrói-se e reconstrói-se dinâmica, local e colaborativamente na interação, neste caso, com o autor do texto, o que se pode constatar na elocução: “Veja aí se te agradam minhas sugestões”, em que o revisor demonstra seu desejo de saber se o autor corrobora as propostas de reescrita.

(4)

Excerto p. 246

Tratava-se da segunda turma de especialização em Periodontia da FUNDAÇÃO, que nessa época ocupava, com certas restrições, as instalações da própria Faculdade de Odontologia. Apesar do espaço reduzido, a renovada motivação conjugada aos desafios semanais² foram determinantes para o nosso aprendizado. (...)

Desde o início do curso manifestei *a todos meu interesse*³ em ser orientado pelo Professor JTM e, *embora jamais* tivesse havido *qualquer* contato anterior entre mim e o Professor, fui aceito como seu aluno sem objeções. (...)

No decorrer do primeiro ano do curso, alguns professores da disciplina de *Periodontia*, temendo as mudanças na legislação que a mídia anunciava, pediram prematuramente a aposentadoria. [Nesta situação encontravam-se o professor JCC, Professor JCMC (*in memoriam*) e o Professor SMJ.]⁴ Mas ainda que fosse um momento delicado, o corpo docente reduzido acabou por *estreitar e favorecer* a convivência (...)

Comentários do revisor:

2. O que eram esses “desafios semanais”? Isso é claro para quem é da área e conhece a Fundação?

3. Se há uma razão claramente acadêmica para esse interesse, creio que ela devia ser mencionada aqui. Tipo: você conhecia trabalhos dele?

4. Tenho dúvidas sobre essa enumeração de nomes de professores. Não sei como isso ficou na história da Odonto, mas em diversos institutos, departamentos e faculdades ficou muito mal pra quem fez isso. Claro que há uma enorme discussão sobre o tema, não devemos simplesmente condenar ninguém, mas o seu próprio texto mostra como foi o efeito-mídia, a grande mídia prestou um desserviço e – como vem fazendo desde então, aliás – propagou informações distorcidas ou equivocadas, fez de conta que abria um debate, mas era alarde. A evasão de professores da universidade pública não foi interessante pra maioria dos cursos e muito frequentemente os que saíram nessa ocasião foram para instituições privadas, ganham outros salários e não são lá muito bem vistos por aí. Claro que isso é uma generalização. Mas trata-se de assunto tão delicado em tantos ambientes acadêmicos que achei melhor te perguntar se vai assim mesmo, se na Odonto tudo bem...

Neste caso, a intervenção do revisor extrapola a dimensão de mudanças puramente gramaticais ou estruturais e ratifica a realização de uma leitura profissional, calcada em demonstrações de zelo, rigor e sensatez com a construção dos sentidos no processamento textual. Quando ele faz as indagações: “O que eram esses “desafios semanais”? Isso é claro para quem é da área e conhece a Fundação?”, ele trabalha a favor da propriedade da clareza e da inteligibilidade textual, pressupondo quem é o público-leitor desse texto, evitando deixar margens para quaisquer lacunas que promovam ambiguidades, fragmentações ou

incompletudes de sentido. Na nota 3: “Se há uma razão claramente acadêmica para esse interesse, creio que ela devia ser mencionada aqui. Tipo: você conhecia trabalhos dele?”, a proposta é de inclusão de informações que, na estrutura textual, podem fazer falta na compreensão do sentido global do texto. Assim, o revisor analisa o tecido textual, mantendo, todo o tempo, um olhar cuidadoso sobre os vínculos de nexos que são engendrados no texto como um todo organizado de sentido. Ele mantém atenção constante e contínua não só sobre o que está sendo dito, mas também sobre o que foi dito e, sobretudo, sobre o que deveria ter sido, mas não foi. Trata-se, portanto, de um trabalho árduo de (re)leitura e (re)escrita focadas em todos os aspectos da construção dos sentidos. As construções identitárias desse leitor profissional revelam um profissional imerso em um trabalho cognitivo intenso, envolto por uma atmosfera de um jogo de manobras textuais das mais variadas ordens.

A nota 4, a meu ver, é representativa de um significado bastante peculiar para a construção identitária do profissional revisor. Logo no início dos comentários, as sugestões do revisor revelam a realização de uma leitura não só cuidadosa quanto a aspectos linguísticos e textuais, mas, sobretudo, uma leitura essencialmente crítica, que, por demonstrar familiaridade com a questão tratada, traz recomendações relevantes para a constituição do *ethos* do próprio texto. Ao comentar: “Claro que isso é uma generalização. Mas trata-se de assunto tão delicado em tantos ambientes acadêmicos que achei melhor te perguntar se vai assim mesmo, se na Odonto tudo bem...”, o revisor demonstra zelar pela imagem ou pelos impactos que o texto terá perante seus leitores. Esse movimento de manobra textual, a meu ver, celebra um pacto de cumplicidade com o autor.

Salgado (2007, 2008) refere-se a esses casos em que o revisor dialoga com o autor, propondo-lhe novas textualizações, como um processo de coenunciação e, portanto, de construção coletiva da autoria que não depõe o autor de seu lugar privilegiado, pelo contrário, contribui para reforçar seu papel de fiador.

3 Considerações Finais

Tendo sido objetivo deste trabalho compreender como o profissional revisor de textos constrói-se identitariamente a partir das intervenções que promove no tecido textual, foi possível perceber que o revisor assume o papel de um leitor profissional, cuja preocupação e responsabilidade ultrapassam limites gramaticais e se expandem para fronteiras de como se dá a construção de elos adequados de sentido no tecido textual, ratificando a realização de uma leitura profissional, calcada em demonstrações de zelo, rigor e sensatez com a construção dos sentidos no processamento textual.

Além disso, o papel assumido pelo revisor revela uma construção identitária de um profissional que não assume uma posição prescritiva ou impositiva e que se preocupa, inclusive, com a construção da identidade do próprio autor, como aquele se afilia, inclusive discursivamente, a um determinado grupo.

Em todo o processo de intervenção no tecido textual, o revisor colabora para a inteligibilidade do texto, propondo manobras de construção do significado a partir de uma nova tessitura, provocada por acréscimos que esclarecem as relações de sentidos engendradas no texto, compactuando com o sentido e responsabilizando-se por ele, o que demonstra uma aproximação com a dimensão da coautoria, como bem observou Salgado (2011).

Ele trabalha a favor da propriedade da clareza e da inteligibilidade textual, pressupondo quem é o público-leitor desse texto, evitando deixar margens para quaisquer lacunas que promovam ambiguidades, fragmentações ou incompletudes de sentido, mantendo atenção constante e contínua não só sobre o que está sendo dito, mas também sobre o que foi dito e, sobretudo, sobre o que deveria ter sido, mas não foi. Trata-se, portanto, de um trabalho árduo de (re)leitura e (re)escrita focadas em todos os aspectos da construção dos sentidos.

Observa-se, inclusive, a edificação de um significado identitário de um leitor essencialmente crítico, que faz recomendações para a constituição do *ethos* do próprio texto, ao zelar pelos impactos que o texto poderá assumir perante seus leitores.

As construções identitárias desse leitor profissional revelam, portanto, um profissional imerso em um trabalho cognitivo intenso, envolto por uma atmosfera de um jogo de manobras textuais das mais variadas ordens.

REFERÊNCIAS

GOMES, M. Radiografia do mercado de trabalho em editoração. **Cadernos de Jornalismo e editoração**. São Paulo, n 22, dez 1988.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2005.

IVANIC, R. 1998. **Writing and Identity. The discursual construction of identity in academic writing**. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, 373 p.

MARTINS FILHO, P.; ROLLEMBERG, M. A preparação de texto e Revisão de provas. In: **Manual de Redação e estilo de O Estado de São Paulo**. Edusp: um projeto editorial. São Paulo: Ateliê/Imprensa Oficial, 2001, p. 85-90.

MUNIZ Jr., José de Souza. **O trabalho com o texto na produção de livros: os conflitos da atividade na perspectiva ergodiológica**. 2010, 179p. (Dissertação de Mestrado) Escola de Comunicação e Artes. Universidade de São Paulo, São Paulo. 2010.

_____. Revisor, um maldito. Questões para o trabalho e para a pesquisa. In: Ana Elisa Ribeiro; Ana Maria Nápoles Villela; Jerônimo Coura Sobrinho; Rogério Barbosa da Silva. (Org.). **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo: Peirópolis, 2010, v. 1, p. 269-289.

OCHS, E. 1993. Constructing Social Identity: a language socialization perspective. *Research on Language and Social Interaction*, 26(3):287-306. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1207/s15327973rlsi2603_3

OLIVEIRA, M.C.L.; BASTOS, L.C. 2001. Saúde, doença e burocracia pessoas e dramas no atendimento de um seguro saúde. In: B.T.RIBEIRO; C.C. LIMA; M.T.L. DANTAS (org.), *Narrativa, Identidade e Clínica*. Rio de Janeiro, Edições IPUB – CUCA, p. 161-185.

Pinto, I.O. **O livro: manual de preparação e revisão**. 4 ago, 1993.

Ribeiro, A. E. Em busca do texto perfeito: (in)distinções entre as atividades de revisão de texto e de revisor de provas na edição de livros. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12 Juiz de Fora (MG), 2007. Anais... São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste/2007/resumos/R0011-1.pdf>. Acesso em: 25 jul 2013.

SALGADO, L.S. **Ritos genéticos no mercado editorial: autoria e prática de textualização**. 299f. (Tese de Doutorado) Linguística. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

_____. O autor e seu duplo nos ritos genéticos editoriais. **Revista Eutomia**, Ano I, Nº 1, 525-546, 2008.

_____. Escritura e leitura, elementos da autoria. In: Ana Elisa Ribeiro; Ana Maria Nápoles Villela; Jerônimo Coura Sobrinho; Rogério Barbosa da Silva. (Org.). **Leitura e escrita em movimento**. São Paulo: Peirópolis, 2010, v. 1, p. 252-268.

_____. **Ritos genéticos editoriais: autoria e textualização**. São Paulo: Annablume, 2011. 348p.

SCHIFFRIN, D. 1993. “Speaking for Another” in Sociolinguistic Interviews: Alignments, Identities and frames”. In: D. TANNEN (ed.), **Framing in Discourse**. New York/Oxford, Oxford University Press, p. 231-263.

SPINK, Mare Jane; FREZZA, Rose Mary. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. Aproximações teóricas e metodológicas. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998[2004].

YAMAZAKI, C. **Editor de texto: quem é e o que faz**. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DA REGIÃO SUDESTE, 12 Juiz de Fora (MG), 2007. Anais... São Paulo: Intercom, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste/2007/resumos/R0011-1.pdf>>. Acesso em: 27 jul 2013.

TARRAGÓ, N. S.; ALVAREZ, Y.Y.D. **El sector contemporáneo y las competencias profesionales**. ACIMED Havana, v.13, n 5, sept-oct, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.sld.cu/pdf/v13n5/pdf>> [org.br](http://www.scielo.sld.cu/pdf/v13n5/pdf). Acesso em: 10 ago. 2013.